

(evitar a complexidade analítica, nesse caso, não por outro motivo diferente da intenção de obter uma síntese mais breve, clara, e apreensível; o que não se pode é dizer que Cardoso Pires — propositadamente, pelo menos, se serve de artifícios: o português metonímico em questão somos largamente nós todos, a começar pelo autor e com o que de simpatia e até mesmo apatia isso implica). Na segunda série de textos «Retrato dos Outros», como o próprio genérico designa, é dos outros que se trata. Os dois conjuntos restantes são talvez muito mais interessantes; quer dizer, pelo menos, podem interessar-se aqui neste país e agora actualmente por certo muito mais. Em «Visita à Oficina» há dois textos: o primeiro é uma «Memória Descritiva» referente a «O Delfim», o último romance do autor, de há oito anos.

Muito extenso e rico de informações pormenorizadas sobre a elaboração do livro a que se reporta, escusado dizer que se trata de uma peça de valor inestimável para a compreensão do «mundo» que no romance se ergue, e do Real que na sua elaboração escritural e textual se produz. O segundo tem um valor porventura menos documental, mas, mesmo assim, é mais do que um valioso testemunho: é uma análise rica de perspectivas e sugestões sobre um fenómeno naturalmente excrescente do regime depositado em 25 de Abril de 74; a Censura. Naturalmente, alarga-se em perspectivas a um objecto muito mais amplo: o próprio regime; a sua estrutura, a sua lógica interna, o sistema que o sustenta, e aos seus braços de recurso.

Trata-se de um dos textos mais interessantes de todo o livro. Não por certo menos interessante do que aqueles (quatro) que se agrupam no «Parêntese ao País Novo» e onde se trata da situação decorrente (ou, talvez mais, das situações sucessivas, de qualquer modo decorrentes) do «25 de Abril». Aqui é um escritor assumindo (com alguma coisa de, digamos, humilde soberania — que é também, digamos, humildade soberana — e falamos de humildade esperamos que uma acepção muito distante da que a palavra tem no âmbito de conotações religiosas, cristãs, designadamente: trata-se de outra coisa). Ainda, e num relance muito por alto, aqui a posição de Cardoso Pires aparece ponto-e-contrapontualmente oscilante e equilibrada entre uma certa confiança (humanista crítica, lúcida, racional) na História e na capacidade dos homens para a processarem contra os obstáculos levantados por determinados caracteres históricos adversos, e algum pessimismo (ainda caracterizadamente histórico) que as mais cantadamente celebradas esperanças não chegam, por elas, para iludir ou compensar. No último texto, logo desde o título, há, suspensas, questões em que havemos de reflectir, advertidamente ou não. Desnecessário, dizer, enfim, que é um livro

importante; que se lê (que lemos) com uma apetência ou voluntariedade raramente estimulada, que facilmente nos faz esquecer



Atento, Venerador e Obrigado

essa ajez desfavorável surpresa de aparecer nos um livro assim, de fragmentos dispersos e aparentemente avulsos — quando esperamos talvez uma obra por exemplo, ficção, coisa, coerente. Não veio esta obra, veio outra, esta, aí está.

AGORA; JOSÉ? de José Cardoso Pires (Moraes)

uma reunião de textos (dezoito) que se integram em quatro séries: «Auto-Retrato», «Retrato dos Outros», «Visita à Oficina» e «Parêntese ao Novo País». Há ainda um último texto, que dá título ao livro, paráfrase do poema de Carlos Drummond de Andrade e chave para enigma que o título pode ser para o leitor menos conhecedor. Nos (sete) textos juntos sob genérico «Auto-Retrato», haverá dois onde nossa atenção se detém mais interessada: «Atento, Venerador e Obrigado» e «Lá vai o português». O primeiro é o autor-por-ele próprio na meia idade perante o indescritível fenómeno do fascismo (regime, sistema). O segundo é uma sucessão de variações sobre tema de «o português»-tipo, resultado de contrafactões e contrafactões históricas de proporções bem menos conhecidas do que simuladas. Aqui um leitor porventura muito exigente poderá dizer que a exposição de Cardoso Pires não é muito informada-enformada filosoficamente, como já lemos algures não nosombra de momento de quem (ou ouvimos, o so. Na nossa parte, é âmbito onde não devemos tratar-nos. No máximo diríamos que há aqui um certo esquematismo. Mas o esquematismo que dizemos pode bem significar mais outra coisa: por exemplo, rigor